

# A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E NA ESCOLA: análise de uma experiência

Lídia Barreto da Silva<sup>1</sup>

Maria das Neves Enéas da Silva Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

A importância deste artigo (relato analítico) reside no estudo sobre o papel que exercem as atividades teórico-práticas no contexto das Oficinas Articulares do Curso de Pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR. As atividades que consideram a chamada sétima arte – o cinema – possibilitaram um trabalho pedagógico diferente e bem sucedido nessas Oficinas. A partir dessa perspectiva, o objetivo da atividade efetivada junto aos professores-cursistas do PARFOR foi promover sessões de cinema a fim de verificar como pode ser usada essa linguagem na sala de aula. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e documental, numa abordagem qualitativa. Adotou-se, como suporte teórico as obras de FILHO, GODAWA, TEIXEIRA, HOLLEBEN, NAPOLITANO, entre outros. Já se constatou que o cinema encanta várias gerações e é amplamente utilizado de forma empírica em várias escolas brasileiras. Assim, este estudo propôs uma avaliação do “uso do cinema” no desenvolvimento de atividades pedagógicas no auxílio à docência no ensino superior para contribuir com os professores-cursistas na transposição didática nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. O Projeto voltado para as Oficinas Articulares do PARFOR ocorreu em 2013 em diferentes escolas do município de Marcionílio de Souza (BA). Os resultados demonstraram que a linguagem cinematográfica enseja uma marca diferente em atividades pedagógicas que têm a tarefa de facilitar uma aprendizagem significativa no momento da projeção de um filme no âmbito da escola. Dessa maneira, no âmbito específico das práticas escolares, o próprio sentido do que seja "educação" amplia-se em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre modos de existência, sobre modos de comportar-se, sobre modos de constituir a si mesmo para os diferentes grupos sociais, particularmente para as populações mais jovens se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação.

**Palavras-chave:** Linguagem cinematográfica. Educação. Formação de professores.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Especialista em Política do Planejamento Pedagógico: Currículo, Didática e Avaliação, pela UNEB. Professora de Arte/Educação no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UENB e do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica da Plataforma Freire (PARFOR). Graduada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, pela UCSAL. Email: lbrrdasilva@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidad Del Mar - Chile. Especialista em alfabetização pela PUC-MINAS. Pedagoga pela UEFS. *Docente* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) do Departamento de Educação Campus XIII – Itaberaba. Email: md.dasilva@hotmail.com

## ABSTRACT

The importance of this article (analytic report) relies on the study about the role that theoretical-practical activities carry out in the context of the **Oficinas Articulares Workshops from the Pedagogy Course** of the Basic Education Formative of Teachers National Plan – PCBEFTNP. The activities which consider the seventh art – the cinema – enabled a successful and different pedagogical work in these Workshops. From this perspective, the goal of the activity done with the PCBEFTNP course members - teachers was to promote sessions of cinema in order to verify how this language can be used in classroom. The methodology used was a bibliographical and documental research in a qualitative approach. It was adopted the works of FILHO, GODAWA, TEIXEIRA, HOLLEBEN, NAPOLITANO, among others, as a theoretical support. It was already certified that the cinema enchants many generations and is vastly used in empirical way in many Brazilian schools. Thus, this study proposed an evaluation of the “use of the cinema” in the development of pedagogical activities in the support of the teaching in the superior level to contribute with the course members- teachers in the didactic transposition in the initial and final grades of the Elementary School. The Project focused on the Oficinas Articulares Workshops of the PCBEFTNP occurred in 2013 in different schools of the Marcionílio de Souza city in Bahia. The results showed that the cinematographical language applies a different imprint in pedagogical activities which have the task of facilitating a meaningful learning in the moment of the projection of a movie in the school scope. In this way, in the specific scope of scholars practices, the sense itself of what can be “education” extends in the direction of the understanding of that the learnings about the ways of existence, about the behavior manners, about the ways of constituting oneself to the different social groups, particularly to the youngest population make themselves with a undeniable contribution to the means of communication.

**Keywords:** Cinematographic language. Education. Teachers formation.

## RESUMEN

La importancia de este artículo (relato analítico) está en la investigación del papel que ejercen las actividades teórico-prácticas en el contexto de los Talleres Articulares del Curso de Pedagogía del Plan Nacional de Formación de Profesores de la Educación Básica - PARFOR. Las actividades que consideren la nombrada séptima arte – el cine– han posibilitado un trabajo pedagógico distinto y exitoso en esos Talleres. A partir de esa perspectiva, el objetivo de la actividad efectuada junto a los profesores-estudiante del PARFOR fue promover sesiones de cine con el objetivo de verificar como puede ser usada ese lenguaje en el aula. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica y documental, en un abordaje cualitativo. Se ha adoptado, como soporte teórico para las obras de FILHO, GODAWA, TEIXEIRA, HOLLEBEN, NAPOLITANO, entre otros. Ya se comprobó que el cine encanta a varias generaciones y es ampliamente utilizado de forma empírica en muchas escuelas brasileñas. Así, este estudio propuso una evaluación del “uso del cine” en el desarrollo de actividades pedagógicas en el auxilio a la docencia en el ensino superior, para contribuir con los profesores-estudiantes en la transposición didáctica en las series iniciales y finales del Ensino Fundamental. El Proyecto propuesto para los Talleres Articulares del PARFOR

ocurrió en 2013, en distintas escuelas de la ciudad de Marcionílio Souza (BA). Los resultados demostraron que el lenguaje cinematográfico añade una marca distinta en actividades pedagógicas que tienen la tarea de facilitar un aprendizaje significativo en el momento de la proyección de una película en el ámbito de la escuela. De esa manera, en el ámbito específico de las prácticas escolares, el propio sentido de lo que sea "educación" ampliase hacia el entendimiento de que los aprendizajes sobre maneras de existencia, sobre maneras de comportarse, sobre maneras de constituir a si mismo para los distintos grupos sociales, particularmente para las poblaciones más jóvenes se hacen, con la contribución innegable de los medios de comunicación.

**Palabras-chave:** Lenguaje cinematográfica. Educación. Formación de profesores.

## Introdução

Em nossa trajetória como docentes do ensino superior, buscando manter um diálogo constante com professores (as) que atuam na Educação Básica, temos tomado como objeto de nossa reflexão a questão da formação docente, do processo de fazer/produzir/aperfeiçoar conhecimentos na formação inicial e continuada, visando aprimorar as práticas educacionais transformadoras e criativas. Assim, optamos por “andar pelas trilhas” que nos conduzam a desenvolver práticas educativas que desafiem a nossa inventividade e o nosso potencial reflexivo, posto que defendemos a ideia de que a “*educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura e a escola deve representar a vida presente – tão real e vital para o aluno como a que ele vive em casa, no bairro ou no pátio*” (DEWEY, 1978). Para esse autor, além das preocupações em formar o aluno para ser capaz de ler, escrever, interpretar, realizar operações matemáticas, ter conhecimentos sobre as várias áreas do saber como a Física, Biologia, Química, por exemplo - preparando-o para se inserir na vida profissional - deve também se preocupar em formar os valores morais e éticos que são inerentes aos seres humanos, como a autonomia, a solidariedade, a coletividade, o respeito ao próximo, a autoestima positiva, para assim se tornarem indivíduos completos. Reflexões desse tipo servem como incentivo forte para a realização de Projetos que possibilitam experiências exitosas, como a que relatamos neste artigo. Experiência que instigou e estimulou, inicialmente, professores do Ensino Fundamental que fizeram o curso de Pedagogia, do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR. Posteriormente, esses professores agiram como multiplicadores dessa experiência exitosa. Segue o relato para uma compreensão completa.

Durante uma aula com esses professores, quando estávamos estudando conteúdos da área de Arte/Educação, uma professora relatou que um de seus alunos do 3º ano sempre pedia para que a mesma passasse mais filmes e desenhos animados durante as aulas, mas ela compartilhou conosco a dificuldade que tinha em realizar atividades com filmes, pois não tinha o hábito de assistir e tinha receio de não saber elaborar uma atividade que contemplasse os filmes que quisesse exibir para sua turma. Os demais professores contribuíram com esse diálogo, compartilhando também a sua frustração a respeito da ausência desse tipo de atividade em suas escolas. Essa discussão foi o suficiente para pensarmos na criação e efetivação da experiência que foi vivenciada.

No componente curricular Oficinas Articulares<sup>3</sup> do Curso de Pedagogia, do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR a experiência de trabalho docente que se intitulou **A linguagem cinematográfica na formação de professores e na escola: análise de uma experiência** oportunizou aos estudantes desse curso, professores em exercício, doravante denominados de professores-cursistas do curso de Pedagogia da turma do município de Marcionílio de Souza - BA, uma vivência reflexiva relacionada ao uso da linguagem cinematográfica em sala de aula. O início das atividades se deu com o debate sobre a seguinte ideia:

Não existe muita novidade em utilizar recursos audiovisuais como recurso didático. Pode se utilizar de músicas, slides, fotos, poesia, literatura e filmes como ilustração e para melhor compreensão do conteúdo. É sempre um instrumento para a aprendizagem. O cinema, enquanto arte tem a vantagem de poder usar das várias formas de linguagem pelas outras artes, conseguindo, desta maneira, se comunicar com profundidade e envolvimento. Como em qualquer arte, o cinema exprime, direta ou indiretamente, os valores do autor do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico no qual foi realizado (CAMPOS, 2006, p.22)

Propondo uma atividade transformadora e criativa, esse debate inicial foi ampliado não somente com a exposição dos objetivos da proposta dessa Oficina, como também com os argumentos de que somos “bombardeados” diariamente por inúmeras imagens, seja na televisão, internet e nos diversos aparelhos de telefones e equipamentos da tecnologia da informação e comunicação. Por isso, alguns professores têm usado recursos audiovisuais e tecnológicos em sala de aula de maneira cada vez mais criativa e elucidativa no que diz respeito a aprofundar temas, informar sobre épocas e sociedades, e interpretação reflexiva sobre as ideias veiculadas pela mídia, e assim o “recurso cinema” pode ter maior completude e ser mais motivador. Constatando a realidade desse nosso mundo invadido por imagens e pela mídia é que resolvemos propor aos professores-cursistas desenvolver na prática de uma oficina a linguagem cinematográfica na escola com a intenção de adentrar nesse universo de sonho, fantasia, reflexão, ficção, aventura, imaginação, mas também cheio de ideologias, incentivando o exercício da criticidade, descoberta de novos olhares sobre o mundo e mais que isso: o despertar para um conhecimento crítico e social.

Nessa perspectiva, Filho (2014) diz que o cinema é fonte de cultura, informação e instrumento de formação, reflete (e representa) uma totalidade social concreta, compõe um conjunto complexo de sugestões temáticas que podem ser apropriadas para uma reflexão crítica. Não explica, apenas sugere; sendo assim, usamos o cinema em sala de aula para possibilitar aprendizagem significativa a partir da introdução de *determinados temas* ou ainda estimular os professores-cursistas a pensarem sobre o que está lhes sendo apresentado, visto que o cinema instaura a possibilidade de que professores e estudantes comecem a ter uma visão diferenciada sobre as problemáticas da vida cotidiana e até sobre os conteúdos mais tradicionais. Os mais diferentes e diversos assuntos da vida humana, sendo trabalhados de forma lúdica e prazerosa, com o uso de um filme de curta metragem ou fragmentos e/ou até mesmo utilizando um longa metragem, os resultados podem ser riquíssimos, pois está sendo apresentado para estudantes assuntos do cotidiano humano para que eles se sintam desafiados

<sup>3</sup> Oficinas Articulares constituem momentos de articulação entre os conteúdos que integram os diferentes núcleos do projeto do curso e as ações práticas desenvolvidas, com interação nas comunidades onde o professor-aluno atua. É, portanto, o articulador entre o saber e o fazer, promovendo oportunidades para o desenvolvimento de potencialidades dos discentes, e para a construção e a reconstrução dos conhecimentos adquiridos no processo de formação, além de facilitar a identificação das necessidades de informação, expressão e comunicação dos professores-alunos, conforme explicação contida no Manual de Orientações Acadêmicas; Plataforma Freire, MEC, 2010.

a uma melhor investigação do conteúdo abordado no filme, assumindo uma participação relevante em atividades com o trabalho por projetos, o qual contribui de forma significativa para a educação nesse mundo atual, de modo compatível com as exigências da sociedade moderna, pois o trabalho por projetos envolve um processo de construção, participação, cooperação, noções de valor humano, solidariedade, respeito mútuo, tolerância e formação da cidadania tão necessários à sociedade emergente. Sendo assim, o caráter lúdico da linguagem cinematográfica tem a condição de potencializar a capacidade interpretativa de professores e estudantes, propiciando uma lógica de ensino voltada para o desenvolvimento de competências cognitivas complexas (as competências para a participação social incluem a criatividade, a capacidade de solucionar problemas, o senso crítico, a informação... as competências cognitivas são articuladas com os conhecimentos e competências sociais construídas e requeridas nas diferentes áreas do conhecimento) nos estudantes, no caso aqui professores em exercício.

### **Formação docente mediada pelo uso do cinema na escola**

Usar o filme na sala de aula pode estimular crianças, adolescentes e adultos a desenvolverem um gosto pela arte, a *sétima arte*, que por sua vez abrange todas as outras como a música (som), a dança (movimento), a pintura (cor), a escultura (volume), o teatro (representação) e a literatura (palavra), apresentando para essas pessoas um mundo diferente e criativo, no qual a imaginação não tem limite. Todo esse estímulo é importante no contexto em que são inseridos esses professores-cursistas, posto que de forma singular eles/elas estão num processo de formação no qual é fundamental aprender a importância das artes, nas suas diversas linguagens, para o desenvolvimento da sensibilidade, da capacidade de integrar razão e emoção, fundamentais na prática docente, considerando que o trabalho docente é essencialmente relacional, ou seja, se desenvolve na relação entre pessoas, com vistas ao desenvolvimento integral dos educandos, articulando suas diversas dimensões: cognitiva, afetiva, espiritual, etc.

Assim, na atividade proposta para os professores-cursistas, tivemos a exibição do filme *O Som do Coração*, sendo que as atividades realizadas (os detalhes mais abaixo) proporcionaram um direcionamento e/ou uma motivação para um olhar diferenciado sobre o cotidiano dos educandos (seus alunos) que estão nas escolas, provocados por imagens, trilha sonora, animação, temas dos filmes que retratam, ou de alguma forma, fazem alusão ao universo vivido. O filme trata da vida de uma criança, cujos pais são músicos. O menino Evan Taylor foi afastado dos pais ainda bebê e cresceu em um orfanato não conhecendo sua origem. Apesar disso, ele ouve música em todos os lugares e acredita que ela seja uma mensagem de sua família. Decide, então, sair em busca de sua história. Apesar desse lado “fantasioso”, o mais interessante é, contudo, destacar os pontos da trama que mostram o garoto escutando diferentes ruídos da cidade, que depois resultará em uma composição musical para uma orquestra que terá sua mãe como solista principal. Esse conteúdo filmico proporcionou uma *roda de conversa* com a participação entusiasmante de todos os professores-cursistas, um dos pontos mais comentados foi que muitos nunca tinham ido ao cinema e outros nunca tinham assistido um filme do início ao fim, também comentaram muito sobre o fato de se sentirem numa sala de cinema, de fato, pois o ambiente foi todo preparado para se parecer o máximo possível com um cinema.

Segundo Teixeira (2010), não somente deve-se ver nos filmes a possibilidade de “descortinar” uma série de abordagens temáticas para debates em salas de aulas, como também é profícuo o debate sobre a docência em si, a partir de obras filmicas que retratam

histórias vividas em escolas, a exemplo de quatro obras cinematográficas de diferentes diretores do Irã, da França e do Brasil: “O Jarro”, de Ebrahim Forouzesh (Irã, 1993); “Quando tudo começa”, de Bertrand Tavernier (França, 1999) e “Entre os muros da escola”, de Laurent Cantet (França, 2008) e “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim (Brasil, 2006). Nesses filmes, professores e docência são apresentados pela tela, evidenciando suas idiossincrasias e suas práticas docentes.

Sobre a relação teoria-prática, há no texto “O que nos retém aqui? O cinema interroga a docência” (TEIXEIRA, 2010) uma proposição de que a própria docência seja vista na tela, destacando quais são as posturas, as ideias e o mundo enfim dos partícipes das escolas apresentadas por diversos filmes.

Os filmes nos fazem pensar sobre as responsabilidades e dificuldades inúmeras que pesam hoje sobre os professores. Dentre elas o fato de que precisam se desdobrar em uma tarefa e outra transitando entre lugares e problemas que seriam da alçada dos pais, das famílias, dos governos, por exemplo. Cenas e imagens das películas nos expõem e nos fazem refletir sobre as incertezas a que os docentes estão expostos hoje, em seu dia a dia na sala de aula. Seja porque são muitas as possibilidades de se pensar e construir o conhecimento, seja porque são diversos e dezenas, centenas o número de estudantes e turmas com quem trabalham na Educação Básica, seja pelas incertezas que demarcam o próprio tempo histórico, as sociedades contemporâneas. Sejam, ainda, as dúvidas relativas a um presente e futuro incertos, de segurança e risco, de paradoxos e turbilhão, de rapidez e quantidades, que multiplicam suas preocupações com as crianças e jovens que ali estão, diante deles, a cada dia. Novas gerações humanas que têm direito à vida, a um presente e um futuro dignos. Como será, como está sendo a inserção daqueles meninos no mundo? Luminosa, sombria, fácil, difícil? Temerosa? O que cabe aos professores a este respeito? E aos demais setores, grupos e segmentos da sociedade, quais suas responsabilidades a este respeito? (TEIXEIRA, 2010, p. 258-9)

Não mostramos os filmes supracitados aos professores-cursistas da Oficina vivenciada, porém os citamos aqui por que corroboram com a ideia de que no ensino superior a formação docente enfrenta dificuldades no tocante à relação ensino-aprendizagem, sendo que uma das razões, entre muitas existentes, é que a própria prática educativa nem sempre é questionada/avaliada a partir do perfil dessa formação recebida. A temática central do filme *O Som do Coração* são as relações familiares, mas também são abordadas questões referentes à exploração de crianças, o uso da música transitando por vários espaços, como escolas, Universidades, igrejas, shows e ensaios de bandas, além das ruas. Ao terminar a exibição desse filme, propomos aos professores-cursistas uma discussão partindo de algumas perguntas norteadoras, foram elas:

- A) O filme estimula afinar os ouvidos para os sons da cidade, do campo e da natureza? Há vantagens nisso?
- B) Como se comporta o menino Evan Taylor quando chega à cidade e ouve vários sons ao mesmo tempo?
- C) Como se dá a relação do menino Evan Taylor com a música?
- D) Como o filme trata das várias relações familiares, inclusive das crianças que são exploradas pelo “pai”?
- E) Comente a cena em que os pais se encontram no concerto onde o menino Taylor é o compositor da grande sinfonia apresentada pela orquestra.

A partir dessas perguntas, as quais sustentaram uma roda de conversa inicial, demos sequência à Oficina que contribuiu para a formação de um professor reflexivo, argumentativo

com base em seus conhecimentos de formação e de percepção da realidade. No século atual, em que o componente tecnológico não pode ser ignorado, devemos refletir sobre o fato de que a educação, em geral, e a formação de professores, em particular, também exigem uma abordagem diferenciada com relação a este aspecto, qual seja: a presença dos recursos audiovisuais. Assim, é de fundamental importância o reconhecimento – por parte das instituições que oferecem cursos de formação de professores – da existência de diversas linguagens em nossa sociedade, para além da oralidade e da escrita, nas quais se respalda a cultura escolar. Reiteramos a importância da linguagem cinematográfica cuja potencialidade é notória na construção do conhecimento, mesmo que esta construção aconteça em meio a desafios diversos (há os desafios, muitas vezes, de não encontrarmos uma base curricular no ensino superior que vislumbre a abertura de espaços para que o professor utilize diversas *ferramentas pedagógicas*). Essas ferramentas devem ser motivadoras das dimensões cognitivas e estéticas dos educandos.

A utilização do filme como recurso didático possibilita um maior envolvimento com o conteúdo a ser estudado, pois a linguagem cinematográfica se aproxima dessas dimensões e, desse modo, o recurso cinematográfico está repleto de possibilidades pedagógicas que podem favorecer a reflexão e a aprendizagem de questões educativas no processo de ensino e aprendizagem, bem como contribuir para a formação estética dos educandos e para a prática docente universitária. Por essas questões, a linguagem cinematográfica merece ser contemplada na prática pedagógica dos docentes em processo de formação, de modo que estes lidem com esses meios a partir de uma postura crítica e transformadora. Portanto, compreendemos que a formação dos educadores na contemporaneidade deve ter uma relação intrínseca com a incorporação da linguagem audiovisual no seu currículo, nas suas práticas, ou seja, no seu modo de pensar e agir.

Para evidenciar todas essas considerações, esta experiência de trabalho docente teve respaldo nos seguintes objetivos: **(a)** permitir a democratização do acesso à linguagem cinematográfica; **(b)** desenvolver a prática interdisciplinar através do trabalho com projetos; **(c)** utilizar filmes como pré-texto para a reflexão crítica, capaz de propiciar, deste modo, um campo de experiência significativa voltada para o conhecimento social; **(d)** analisar o emprego do cinema na sala de aula por parte dos professores-cursistas como instrumento de formação crítica dos educandos e socialização das experiências vividas; **(e)** discutir as vantagens e as dificuldades da utilização da linguagem cinematográfica em sala de aula.

Para alcançar esses objetivos, a sistematização das atividades se deu com base na seguinte metodologia:

## 1ª ETAPA

Uma sessão de cinema foi organizada no primeiro dia de orientação das Oficinas Articulares. Essa sessão aconteceu numa sala de aula no prédio que acontecem as aulas do PARFOR, pois na cidade não tem cinema. Nesse encontro não só foi apresentado o Projeto e as devidas orientações para que os professores-cursistas pudessem começar a desenvolver suas propostas de trabalho nas turmas onde lecionam, mas também um roteiro para análise do filme exibido, que foi *O Som do Coração* cuja ficha técnica é: autor/diretor: Kirsten Sheridan, da Warner brospictures, 2007, 102 minutos.

Os professores-cursistas se organizaram em equipes de maneira a juntar aqueles que trabalham com alunos da mesma unidade escolar nas turmas em que esses professores lecionam nas escolas da sede do município de Marcionílio de Souza e nas escolas de alguns povoados.

## 2ª ETAPA

Os professores-cursistas fizeram leituras de textos que serviram como base teórica para a elaboração e aplicação do Projeto. Nesse contexto, compartilharam suas ideias, sugestões de filmes, com sinopse e sequência metodológica sobre o uso de filmes na sala de aula. Alguns professores-cursistas trouxeram nomes de filmes que já tinham sido solicitados por seus alunos e os mesmos não tinham exibido ainda por não se sentirem preparados pra trabalhar com filmes em sala de aula e por não terem um hábito de assistir também. A elaboração do Projeto de cada equipe se deu durante as aulas das Oficinas Articulares sob nossa orientação. Os materiais para divulgação (cartazes e convites), além do folder contendo a programação, foram elaborados também nesses encontros cuja carga horária foi de 15h/a ocasionando uma interação entre todos os envolvidos, pois permitiu a construção de modo coletivo e participativo.

Conforme as aulas aconteciam, os professores-cursistas se envolviam mais com o planejamento para a aplicação das Oficinas Articulares. Poder trabalhar a linguagem cinematográfica na escola e numa cidade onde não tem cinema soava pra os mesmos como uma música que nunca tinham ouvido, mas que sabiam que sempre existiu; ver o brilho no olhar e o sorriso estampado no rosto de alguns, assim como perceber a empolgação quando falavam de determinado filme, nos fez acreditar que os resultados das Oficinas Articulares “caminhavam para um final feliz”.

## 3ª ETAPA

A aplicação do projeto se deu num período de três semanas em nove escolas da sede do município de Marçionílio de Souza e em povoados. A culminância das Oficinas Articulares aconteceu em dois dias no turno matutino e também vespertino, em três escolas da sede do município de Marçionílio de Souza e em três escolas situadas em três povoados, os alunos das outras três escolas foram para duas escolas dos povoados de Caxá e Machado Portela, pois as mesmas não tinham infraestrutura física para acomodar a exposição dos resultados alcançados. Para tanto, contou com a participação dos educandos, dos professores-cursistas, comunidade escolar, articuladora do Parfor no município e a comunidade do entorno das escolas que visitamos. Na oportunidade, foram entregues a nossos projetos e relatórios, visto que esses se constituem elementos obrigatórios de avaliação dos professores-cursistas. Ainda nesses dois dias de culminância aconteceu no turno noturno um encontro entre os professores-cursistas e as professoras-orientadoras a fim de avaliar os resultados alcançados com a aplicação do projeto nas escolas, esse encontro faz parte da carga horária das Oficinas Articulares.

Objetivando desenvolver a prática de um planejamento coletivo e as habilidades da expressão oral e escrita, o Manual de Orientações Acadêmicas do PARFOR estabelece os seguintes instrumentos de avaliação das Oficinas Articulares:

- **Projeto de trabalho** semelhante ao Projeto que os professores-cursistas vivenciaram, porém considerando aspectos, tais como: realidade da comunidade, características de seus alunos a respeito de qual série estão cursando, faixa etária para se pensar em qual filme socializar com eles (por causa da relação idade-interesse), se o filme escolhido serviria para promover interdisciplinaridade, a partir de seu conteúdo poder ser abordado em diversas áreas do conhecimento, etc.
- **Organização** da exposição dos resultados alcançados com a realização do Projeto nas unidades de ensino, requerendo a participação de todos os envolvidos nessa atividade,



visando maior mobilidade da comunidade escolar porque certamente um Projeto desse porte proporciona um marco diferencial no cotidiano escolar, a ponto de ser atrativo também para as famílias e comunidade externa em geral.

- **Relatório escrito** descrevendo todo o processo desenvolvido nas unidades de ensino e socialização deste relatório junto às professoras orientadoras e os demais colegas cursistas para análise das atividades realizadas, destacando aspectos positivos e negativos, além dos aspectos necessários para um remanejamento visando dirimir os obstáculos encontrados. A ênfase nessa análise foi apresentar a contribuição que a linguagem cinematográfica pode dar para a aprendizagem de *conteúdos escolares* e *conteúdos culturais* em geral.

Vimos que foi significativo para as pessoas que se envolveram com as atividades dessa Oficina porque puderam ter contato com diversas questões e diversos sentimentos que foram veiculados nos diferentes filmes escolhidos, “juntando-se” aos artistas e diretores para tentar sintetizar os enigmas humanos que estão a nossa volta. A experiência dessa Oficina reiterou a ideia de que, na maioria das vezes, os chamados cinéfilos e consumidores de imagens em geral são espectadores passivos. Na verdade, são *consumidos pelas imagens*. O que deve ser alcançado é que todos eles experimentem um rito de passagem que propõe esta mudança: deixar de serem espectadores passivos para serem espectadores ativos, isto é, aprendam a *ver cinema!* Esta aprendizagem nos remete a constatar as possibilidades educativas do cinema, sobretudo numa perspectiva desafiadora de não reduzirmos essas possibilidades educativas do cinema a um recurso didático ou instrumento educativo direcionado para escola. Não devemos esquecer que cinema é arte e é assim de maneira multifuncional, reunindo múltiplas artes em si mesmo. Nas palavras de Fresquet (2005), o cinema:

Supõe fotografia, composição de imagens e sons, cenografia, iluminação, literatura, música, dramatização, desenho ou animação – só para começar. Trata-se de uma expressão de arte coletiva e reproduzível. Apresenta condições para ser uma arte de grande acessibilidade se pensamos, inclusive, na possibilidade de que cópias de filmes cheguem aos lugares mais distantes das grandes metrópoles, tais como as zonas rurais, o sertão nordestino, etc. O cinema não é um instrumento didático para ensinar determinado conteúdo, pois ele extrapola planos, objetivos e procedimentos escolares. As possibilidades educativas do cinema guardam uma relação maior com meios de aprendizagem não-formal. O cinema informa-nos, educa-nos, mas de uma maneira “não-pedagógica”, “não-escolarizada”. Por isso, a introdução do cinema nos projetos pedagógicos supõe afirmar uma não-pedagogização do saber e do sentir. Não estaremos apenas apreendendo informações, e sim agitando sentimentos, ativando a curiosidade e, quem sabe, até mobilizando novas buscas e significações para a própria vida. (p.59-60).

Considerando essas orientações sobre o cinema, reiteramos junto aos professores-cursistas que é necessário usar critérios<sup>4</sup>. Ao se trabalhar com filmes cujo conteúdo faça alusão a questões, como por exemplo, realidade urbana e realidade rural ou do campo, saúde da população local, educação, ciência, meio ambiente, educação ambiental, política, cultura, inclusão social, etc., a prioridade pode ser para o aprimoramento da formação voltada às demandas da sociedade, do contexto profissional e da responsabilidade social. Apesar desta

<sup>4</sup>Embora seja importante, não se trata de pontuar metodicamente critérios formais para o uso da linguagem cinematográfica na escola; o que se prioriza aqui é a atenção que deve ser dada para pensar antes e também avaliar depois se uma atividade com filmes na escola pode cumprir seu papel ao abordar temas importantes para a sociedade, temas que possam contribuir para a formação do profissional e do docente das séries iniciais do Ensino Fundamental.

observação, torna-se relevante mencionar o texto de Arnaldo Lemos Filho (*O cinema em sala de aula*) no qual estão elencados alguns elementos (podem ser tomados como critérios) que podem ser considerados antes de socializar um filme em sala de aula. Alguns desses elementos são: (a) fazer um planejamento prévio através do qual o professor tenha clareza quanto aos objetivos relativos à utilização do filme; (b) decidir se o filme será utilizado na íntegra ou apenas alguns trechos do mesmo, e quais seriam, nesse caso, as sequências selecionadas; (c) definir qual a relação entre o filme e os conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula; (d) apresentar que elementos principais devem ser destacados antes, durante e depois da apresentação do filme, entre outros.

Para a utilização da linguagem cinematográfica em sala de aula, é necessário cuidado para não “minimizá-lo em sua categoria de sétima arte” (Idem). Bem diferente disso será sempre lembrar que uma das vantagens de levar filme para a sala de aula é a sua ligação com um momento de lazer e entretenimento. Para professores e estudantes, estar em contato com uma linguagem cinematográfica significa descanso e não as obrigações e compromisso relativos à aula. Isso modifica a postura e as expectativas em relação a esse momento “de lazer” transposto para a sala de aula. Geralmente, há um clima descontraído nos cinemas e esta característica podendo ser transposta para a sala de aula (para a escola) pode trazer muitos benefícios para o processo de aprendizagem, ajudando a torná-la mais dinâmica e parecida com a aprendizagem do cotidiano, dos grupos sociais, da internet e outras vividas pelos jovens; o que se quer mesmo é que haja uma aprendizagem significativa<sup>5</sup>. Nosso Relato não tem a pretensão de explicitar com detalhes a Teoria da Aprendizagem Significativa desenvolvida por este pesquisador, tampouco estabelecer um paralelo entre teorias que explicam o processo ensino-aprendizagem. A abordagem que nos interessa e com relevância é concordar com a premissa defendida por Ausubel, a qual determina que existe uma estrutura na qual organização e integração de aprendizagem se processam. Para ele, o fator que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe ou o que pode funcionar como ponto de ancoragem para as novas ideias.

Nas cidades onde não há cinemas, pode-se investir mais em “levá-lo” para a escola, porém naquelas em que há cinemas é preciso também levar os estudantes às salas de exibição, às mostras e aos festivais sempre que isso for possível, porque “*conhecer o cinema projetado nas grandes telas, no ambiente para qual foi pensado, é uma experiência rica. Ali, a imagem se torna mais bela e mágica do que quando assistimos filmes na TV*” (TEIXEIRA, s.d.).

Ações dessa natureza são assumidas por professores (as) que concebem o cinema como uma forma de educação, ou seja, detectam uma forma de associar cinema à noção de aprendizagem que o mesmo desencadeia em nós, todavia não são muitos os que pensam assim, visto que o mais comum é a subutilização da linguagem cinematográfica nos cursos de formação para o uso desse elemento no âmbito pedagógico. Eis um alerta sério sobre isto, nas palavras de Silva e Freitas (2006, p. 24):

[...] Não queremos dizer aqui que a responsabilidade de fazer aprender sobre linguagem artística, mídia, recursos audiovisuais e instâncias culturais seja apenas do curso de formação em Pedagogia. [...] Os currículos oficiais têm reproduzido essa ausência e só muito recentemente esse debate vem recebendo uma atenção por parte dos formuladores de políticas. As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia/Conselho Nacional de Educação (2005), por exemplo, apontou a necessidade de uma formação específica no campo da arte. As Diretrizes também enfatizam a importância, para os pedagogos, de relacionar as linguagens dos meios

<sup>5</sup>Registre-se neste ponto a existência dos estudos do pesquisador norte-americano David Paul Ausubel (1918-2008) que dizem respeito aos aspectos que caracterizam uma aprendizagem significativa. Para este autor, aprender significativamente é ampliar e reconfigurar ideias já existentes na estrutura mental e com isso ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos

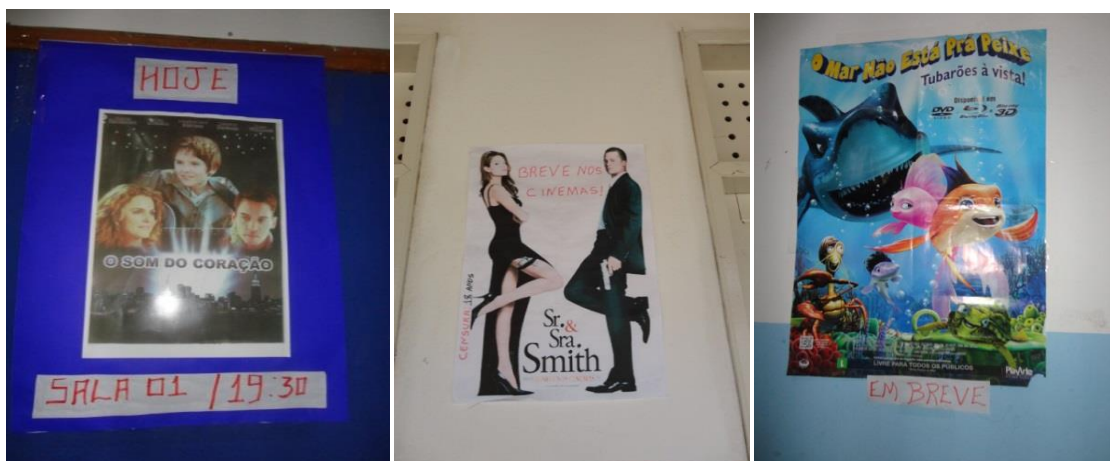
de comunicação com os processos didáticos e pedagógicos, como forma de produzir aprendizagens significativas que contemplem as dimensões: cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial.

Como fazer, então, para não mais subutilizar a linguagem cinematográfica em nossas escolas? Por que ainda a formação acadêmica nas Universidades prescinde da capacitação para usar o cinema como recurso pedagógico? O argumento de Alessandro Reina, em sua Dissertação “Filosofia e cinema: o uso do filme no processo de ensino-aprendizagem da filosofia” indica que:

Em pleno século XXI, diante do público de alunos, o trabalho com mídias audiovisuais coloca-se como um imperativo. O mundo do jovem de hoje é virtual, icônico, ou seja, a sua realidade é entendida e interpretada por meio de imagens. Do jogo de vídeo game até os processos de socialização dentro das redes sociais virtuais, alguns jovens de hoje manifestam rejeição pelo conhecimento que recebem na escola, pois o vêem como algo retrógrado, estático, sem dinamismo algum. De fato ainda ensina-se como os próprios jesuítas ensinavam no Brasil da era Cabral, muitas escolas ainda não romperam com um sistema tradicional de ensino que vive a beira de um colapso. (2014, p. 113).

O prédio onde acontecem as aulas foi preparado de forma a receber os estudantes como se estivessem em um cinema com telão, áudio estéreo, bilheteria com ingressos, lanchonete com pipoca e refrigerante, funcionários com crachás, cartazes de divulgação de lançamentos e estreias de filmes. Quando chegaram e viram os preparativos, todos ficaram surpresos e a produção do local serviu de grande inspiração para aplicação nas escolas.

Aquele “cenário” atraiu algumas crianças que moram ao redor da escola, as quais foram convidadas para assistir ao filme que seria exibido naquela noite. Elas fizeram uma leitura bem coerente dos cartazes de divulgação que estavam expostos e queriam saber se teriam mesmo aqueles filmes que estavam sendo divulgados (os filmes escolhidos para exibição nas escolas: *A era do gelo*; *Madagascar*; *João e Maria*; *O resgate da lua*; *As aventuras de Sammy*; *A estranha vida de Timothy Green*; *Procurando Nemo*).



Fotografia 1 - Salas de espera para a sessão de cinema (do arquivo pessoal de Lúcia Barreto da Silva)



Fotografia 2 - Sala de espera e sala para a exibição dos filmes do dia. Relato de aluno após assistir a sessão de cinema (do arquivo pessoal de Lídia Barreto da Silva)

Após todas as atividades desenvolvidas, realizamos um Encontro para avaliar a aplicação do projeto nas escolas e a Oficina Articular nos direcionou para uma caracterização de aspectos como estes: a ausência de cinema na cidade e a falta de hábito de assistir a filmes em casa, adicionado ao fato de, antes dessa experiência, ver filmes em sala de aula de forma solta, sem contextualizar ou sem estar atrelado a um conteúdo, são fatores que corroboravam para um desconhecimento dos benefícios sócio-culturais e pedagógicos da linguagem cinematográfica na escola. Assim, foi relevante mostrar para os professores-cursistas a importância de usar esse o filme de forma pedagógica, o que serviu para levá-los a refletir sobre a prática pedagógica de cada um. Nesse sentido, discutimos uma relação de alguns filmes para experimentarem um processo metodológico condizente e com diferentes sequências didáticas. A ênfase, no entanto, foi dada para o filme assistido no Encontro que serviu como “detonação” para toda a prática relatada aqui.

Ao trabalhar o filme *O Som do Coração*, usamos uma sequência didática que envolvia a contextualização do tema e os possíveis conteúdos que poderiam ser trabalhados em sala de aula. Já falamos sobre a sinopse desse filme, então neste ponto acrescentamos que alguns objetivos podem ser considerados ao trabalhar com ele: **(a)** discriminar sons da natureza, da cidade e da sala de aula; **(b)** estimular as crianças a afinarem os ouvidos para os diferentes sons e ruídos. Os conteúdos podem ser **(1)** sons e ruídos do ambiente; **(2)** harmonia e **(3)** musicalização. Sugerimos alguns trechos para análise: **(a)** cena que mostra o garoto fugindo do orfanato em direção à cidade; **(b)** trecho em que ele entra na cidade e começa a prestar atenção nos sons; **(c)** cena em que o garoto pega o violão e, sem nunca ter experimentado o instrumento, começa a tocá-lo. Depois, propomos uma atividade com estes passos: exibir os trechos do filme; levar as crianças a um parque, um bosque, uma praça ou qualquer área aberta mais calma próxima à escola para que escutem os sons da natureza e, depois, a algum local urbanizado ou mais barulhento, para que fiquem atentas aos ruídos das ruas e estradas. Volte para a sala de aula e chame a atenção de todos para as vozes dos colegas; destaque como vários sons às vezes passam despercebidos, como se fossem apenas parte do ambiente; depois faça uma música com as crianças. Peça que elas tentem reproduzir com instrumentos de percussão ou outros que tiver disponíveis os sons que ouviram durante aquela aula. Essa sequência didática foi discutida com os professores-cursistas para que eles ao tempo em que foram discutindo cada sugestão, pudessem também fazer inferências, sugestões, críticas, comentários, etc., pois eram a todo o momento convocados à reflexão sobre a valiosa experiência de usar a linguagem cinematográfica em suas escolas/aulas, porém convidados também a refletir sobre o risco que se corre ao usarmos o filme com “pretexto”, como fazem



muitos professores quando usam a literatura infanto-juvenil tentando passar *lição de moral* através da interpretação equivocada de alguns textos literários<sup>6</sup>.

Assim, vale ressaltar que os professores-cursistas fizeram seus Projetos e os aplicaram em oito escolas do município sendo que cinco escolas estão situadas na zona rural e as outras três na sede. Vale salientar que as escolas da zona rural não têm a mesma infraestrutura física e humana das escolas da sede, mas mesmo tendo que enfrentar várias dificuldades, inclusive da falta de energia elétrica na escola, os professores-cursistas não deixaram de desenvolver um belíssimo trabalho. Depois da efetivação de todos os projetos pelos professores-cursistas, efetivamos a socialização das atividades, a qual aconteceu em dois momentos: o primeiro se deu no prédio onde acontecem as aulas do PARFOR com os grupos que atuam nas escolas situadas na zona rural. Nós, professoras-orientadoras, deveríamos visitar as escolas, mas não foi possível devido às dificuldades de locomoção, pois as escolas estão situadas em localidades muito distantes e a Secretaria de Educação do município não dispunha de veículo para condução. Esse é um problema que ainda é muito frequente nas escolas do campo, o que dificulta o bom desenvolvimento do trabalho.

Os professores-cursistas organizaram as sessões de cinema com muita criatividade, preparando o espaço para receber as crianças como se estivessem num cinema com cartazes dos filmes, ingressos, pipocas, refrigerantes e o mais importante: tendo o cuidado de contextualizar e preparar uma sequência didática para ser trabalhada durante a aplicação do projeto. Dessa maneira, quando ocorreu a visita às escolas situadas na sede do município foi possível verificar que essas escolas tiveram uma infraestrutura melhor com sala escurecida para a exibição dos filmes, um áudio potente, em algumas há climatização além de um apoio grande dos funcionários da escola, mesmo não fazendo parte do curso do PARFOR. Foi notório o envolvimento da comunidade escolar no Projeto, desde a pessoa responsável pela direção da escola até o porteiro, que se colocaram a disposição para atender as demandas do cinema na escola, e no momento da nossa visita, a recepção foi muito calorosa.

Foi possível perceber o total envolvimento dos professores-cursistas com o Projeto e o grande nível de satisfação, pois além de conseguirem concluir com êxito mais uma atividade do curso de Pedagogia promovido pelo PARFOR, eles proporcionaram a seus alunos a oportunidade de conhecer a arte cinematográfica de forma mais *aprofundada*, associando-a aos conteúdos e conduzindo o processo de aprendizagem com prazer e ludicidade.

Quando entregaram as cédulas que foram confeccionadas para que as crianças comprassem seus ingressos, pipoca e refrigerante puderam trabalhar a matemática no seu cotidiano, pois teriam que fazer contas para efetuar o pagamento e receber o troco; quando tiveram contato com a história do cinema e puderam tomar conhecimento que houve um tempo em que o cinema era mudo e já era um grande sucesso, os conteúdos de História da Arte puderam ser trabalhados e também a leitura dos cartazes foi uma ferramenta excelente para trabalhar o letramento, tipos de textos e diferentes linguagens.

Esse Projeto foi muito bem desenvolvido nas turmas em que os professores-cursistas lecionam no município de Marcionílio Souza e que atendeu satisfatoriamente a comunidade escolar sendo nítido o nível alto de satisfação em toda a comunidade escolar, inclusive há uma proposta de que esse Projeto faça parte das programações pedagógicas do município, levando a linguagem cinematográfica a uma quantidade maior de moradores e com mais frequência.

A arte, mais uma vez, levou conhecimento e prazer para pessoas, despertando sensibilidade e promovendo um encontro com o “outro”.

<sup>6</sup>Sobre esse assunto, sugerimos a discussão proposta por LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Regina Zilberman (org.). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982

## Propondo uma “conclusão cinematográfica”

À medida que fomos registrando as informações das atividades feitas nas Oficinas Articulares, no Encontro para avaliação de toda a proposta, deixamos transparecer, implicitamente, a opinião das pessoas envolvidas, sobre a relevância deste trabalho. É que este tipo de atividade nos sensibiliza ao ver que o ato de *revelar-nos* fazendo arte e/ou valorizando-a consiste numa motivação para redimensionar o ensino praticado nas escolas.

Sabemos que a prática educativa que ora se evidencia nas nossas escolas, no tocante ao ensino de arte (faz-se mister reiterar que uma aula de Arte/Educação foi o nascedouro do proposta dessa Oficina), repercute de forma negativa no destino de nossos estudantes, pois nem mesmo os educadores demonstram boa *performance* artística no âmbito escolar, muitas vezes até negando a si mesmos a oportunidade de revelar seu potencial para as várias facetas vinculadas à arte. No tocante à utilização da sétima arte (cinema), entretanto, sentimos grata surpresa ao verificar que a sua repercussão foi de nível satisfatório.

Os professores-cursistas reproduziram essa Oficina em seus contextos escolares buscando promover novidade e dinamismo à sua prática educativa. Alguns depoimentos permitem-nos constatar esta afirmação. Eis algumas expressões registradas por eles:

*“Em nossa escola, confeccionamos dinheiro sem valor, além dos itens de ingresso, pipoca e refrigerante, e vimos que foi um elemento que causou rebuliço no bom sentido e interação entre os alunos, pois houve empréstimo de dinheiro entre eles e a alegria de poder fazer negociação”* (Professor-cursista A)

*“Apesar de não contar com o apoio devido da equipe administrativa da nossa escola e não efetivar o projeto num dia normal de aula, preparamos a escola para que ficasse bem parecida com um cinema, algo que chamou a atenção de nossos alunos que convidaram as demais crianças da comunidade e acabamos recebendo um público maior do que o esperado, isto é, quase 90 crianças! Tivemos, então, que pedir ajuda de alguns pais para realizar o nosso projeto, sendo que foi necessário acontecer duas sessões”* (Professor-cursista B)

*“A minha equipe precisou se desdobrar bastante; é que na nossa escola não tinha energia elétrica, porém nós não nos acomodamos. Solicitamos ajuda de uma família próxima da escola para emprestar sua energia, e mesmo tendo que providenciar muitos metros de fio e ajustar todo o equipamento, acabou dando certo. Ficamos alegres por conseguir oportunizar aos nossos alunos essa vivência, pois poderíamos até nos juntar a outra equipe e realizar esse projeto em outra escola; não queríamos isso!”*. (Professor –cursista C)

Estes depoimentos permitem uma interpretação no tocante às facilidades, por um lado, mas também às dificuldades inerentes à efetivação de projetos com características como os que foram realizados por esses professores-cursistas. Revisitando o Manual de Orientações Acadêmicas, é possível constatar que umas das principais pretensões de um Componente Curricular como as Oficinas Articulares é ser “[...] o articulador entre o saber e o fazer, promovendo oportunidades para o desenvolvimento de potencialidades dos discentes, e para a construção e a reconstrução dos conhecimentos adquiridos no processo de formação[...]”. Assim, através da nossa intervenção, enquanto coordenadoras dessa Oficina, foi possível instigar os professores-cursistas a desenvolverem uma postura mais crítica face à prática educativa que vem sendo efetivada nas nossas escolas com o uso da linguagem cinematográfica, ao tempo em que também lhes foi proposta a realização de uma autocrítica sobre as limitações da experiência visando proceder a um exercício de meta-avaliação ao elencar aspectos positivos e negativos de propostas de *construção e reconstrução de saberes*,

discutindo os resultados em relação à formação profissional, os quais corroboram o avanço de sua prática docente.

Lembrando as sábias palavras de Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, reiteramos que a leitura da sétima arte pode prescindir, até certo ponto, da leitura convencional, visto que quando lemos as proposições inerentes aos filmes e documentários que encontramos à nossa volta, acabamos por tomar emprestadas as lentes que olham o mundo e suas diversificadas representações. Aliás, é relevante registrar que a linguagem cinematográfica contém em si seu modo específico de “falar”, pois é composta de elementos próprios que a caracterizam. Estes elementos, resumidamente, são o plano, a angulação, o enquadramento, os movimentos da câmara, a divisão do filme, e ainda existem os elementos que entram na filmagem: o estúdio, o décor, a iluminação, os ruídos, a música e o diálogo, além da equipe técnica envolvida com o “fazer cinema”. Lembramos desses elementos da linguagem cinematográfica para evidenciar que se as Oficinas Articulares propostas por nosso Projeto fossem direcionadas para professores-cursistas de um curso de Cinema ou Artes Plásticas, este conteúdo deveria constar no Plano do Componente Curricular, todavia por ser um curso de Pedagogia e no caso de ser uma Oficina com carga horária relativamente limitada, os objetivos elaborados, por si só, já estão em consonância com a proposta efetivada e potencializaram uma real significância para a formação docente de professores que estão no exercício de sua profissão já há algum tempo, porém participando de um curso de graduação, se sentem responsáveis por avaliar e redimensionar sua atuação.

Independente, pois, de considerar os elementos peculiares da linguagem cinematográfica, a aquisição de conhecimentos sobre o uso dela na formação docente e em sala de aula, com estudantes do Ensino Fundamental, provocou maior sensibilidade e educação do nosso olhar, do nosso ouvir, do nosso modo de avaliar, etc. Por isso essa prática, no contexto universitário, escolar e no ensino de arte propriamente deve ser explorada em um diálogo de imagem cinematográfica e leitor sem precedentes, oferecendo uma visão integral e simultânea de um tema e, ainda, possibilitando outras maneiras de compreendê-lo. Lembrando que as outras maneiras de compreender um tema incluem a possibilidade de nos *revelarmos* e modificarmos a prática educativa que realizamos ou recebemos de outrem. Dessa maneira, trazemos para este diálogo um argumento de Godawa (2004), ao considerar que:

Grandes filmes são como sermões narrativos. Imaginar heróis simpáticos passando pelas suas experiências seguidamente tem mais impacto em minha vida do que um argumento abstrato rigorosamente pensado. Observar Eric Liddell correr em nome de Deus no filme *Carruagens de Fogo* leva-me a perceber que viver para Deus sem fazer concessões vale muito mais do que aquilo que o mundo oferece. Aliviar os dilemas do capitão John Miller e seus homens em *O Resgate do Soldado Ryan* me lembra de agradecer por aqueles que se sacrificaram pela preciosa liberdade que posso desfrutar. Esses filmes (e outros) me forçam a reavaliar minha vida para que eu não venha a me acomodar com uma melancolia de autodescoberta. Lembro-me de alguns filmes mais do que da maioria dos sermões que ouvi, provavelmente porque eles colocam “carne” no “esqueleto” das ideias abstratas sobre como a vida deveria ou não deveria ser vivida. É por isso que me envolvi com filmes e agora escrevo a respeito deles. Desde a comédia mais engraçada até a tragédia mais triste, os filmes prendem a nossa imaginação, mas também apresentam valores e visões de mundo que admiramos (ou detestamos). Meu objetivo é ajudar aqueles que gostam de ver filmes a discernir as ideias que levam ao desfecho da história e a perceber como elas influenciam a maneira como vivemos nossa vida – entender a história que está por trás da história (p. 10 e 11).

Este autor se expressa assim no Prefácio de seu livro *Cinema e fé cristã*. Não se faz necessário aqui evidenciar o objetivo do conteúdo desta obra, por não ser o foco deste nosso texto. O registro dessas ideias serve para reiterar o que já foi dito acima a respeito do que acontece quando usamos filmes nas escolas. As imagens brilham na tela mostrando mais de 24 quadros por segundo. É provável que esqueçamos nossas convicções e consigamos nos divertir com o impossível. É possível muita coisa diante dos telões com longas e mesmo com curtas metragens. O que pode ser muito relevante é lembrar, mais uma vez, que “como em qualquer arte, o cinema exprime, direta ou indiretamente, os valores do autor do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico no qual foi realizado” (CAMPOS, 2006). Tais valores podem ser comparados e avaliados com a vida diária das pessoas que assistem aos filmes, porque afinal “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais (DUARTE, 2002, p. 17, apud HOLLEBEN, p. 16).

Entre tantas práticas sociais valiosas, com inúmeros contextos educacionais que temos disponíveis hoje - entre os quais, cinemas, teatros, escolas, igrejas, partidos políticos, praças, shoppings, clubes recreativos, e as mídias (jornais, revistas, programas de rádio e TV, Internet, etc.) - pensamos que há uma exigência social para que nós, educadores, possamos assumir determinados posicionamentos, sejam eles científicos e/ou éticos frente ao desenvolvimento dessas práticas. Insistimos, pois, que os argumentos para a escrita deste texto direcionaram-se para o sentido de desencastelar a educação da escola e o conhecimento dos livros e manuais didáticos, para tratá-los em outras instâncias educativas. No caso específico desse Projeto, a linguagem cinematográfica foi considerada como aporte de ensino e aprendizagem, pois produz conhecimentos e pode pela pedagogia que veicula ser um aparato sócio-cultural comprometido com a transformação da sociedade. É o que almejamos, essa busca constante por transformação de tudo o que não está em conformidade com valores sócio-culturais e afetivos acumulados em nossa existência. Tal prática pode até requerer um aprender e desaprender contínuos, de acordo com Fresquet (2007, p. 49):

Desaprender é quase impossível, se entendido como “apagar” uma aprendizagem anterior. O sentido aqui sugerido não é ode borrar ou apagar, mas perceber sua marca e as pegadas que deixou, no tempo e espaço da nossa história de vida. A partir dessa percepção, nascerá um esforço de desaprender, de gerar novas re-aprendizagens que possam vir a acontecer com toda a fortaleza própria dos significados que não cessam de serem criados. O cinema é essencial para esse esforço.

Dessa maneira, além de ter alcançado os objetivos elaborados para esse Projeto, é bem-vinda e bem-quista a constatação de que a prática desenvolvida alterou nossa percepção do ensino, isto é, a realização de um projeto como esse nos permite defender que é possível aproximar a escola da experiência que o cinema propicia, aprendendo alguma coisa de uma arte que promove certa diferença no âmbito da escola, desde seus muros, ocasionando entradas e saídas dos estudantes na interação de pedagogias, instituições, discursos, linguagens e pessoas. Essas interações não se limitam ao campo de estudo de cinema e educação, ao contrário, possibilita que outros Projetos sejam realizados nessa área de conhecimento, trazendo novas questões e contribuições para o campo da educação. A partir da efetivação de um Projeto que buscou colaborar com a formação docente, também foi pertinente o critério de dar visibilidade a diferentes momentos de aprendizagens das aulas de um componente curricular tão importante quanto os demais no curso de Pedagogia do PARFOR. Acreditamos que novos “resultados” podem ser encontrados em outros contextos escolares, no âmbito da Universidade ou na escola de Ensino Fundamental, deixando ainda muitas possibilidades de pesquisa dentro desse recorte que visa repensar uma antiga relação



escolar de linguagem cinematográfica e ação pedagógica em interface com uma perspectiva de currículo contemporâneo, em constante transformação na educação básica, a partir de outras experiências de introdução ao cinema na escola.

Concluindo, ressaltamos que o trabalho com a linguagem cinematográfica na Universidade (contribuindo com a formação docente) e/ou na escola básica, não deve ser visto como uma solução para os desafios enfrentados pelos professores e pelas instituições. Ela tem dado uma inegável contribuição, assim como as chamadas novas tecnologias; é preciso considerar, todavia, que há fatores pedagógicos e sociais que interferem no desempenho dos professores, em particular, e do espaço acadêmico-escolar, em geral, além do próprio desempenho dos estudantes, fatores que extrapolam os processos formativos escolarizados. Sendo descontextualizadas da problemática mais ampla da docência, das condições materiais e valorização real, não apenas retórica, dos professores no Brasil, em especial, da Educação Básica, várias medidas e inovações pedagógicas podem ser tão somente uma falácia. Enfim, toda e qualquer proposta de formação acadêmica será sem sentido e ficará esvaziada, se não forem melhoradas com urgência, a carência da infraestrutura da maioria de nossas escolas e as condições de trabalho e jornadas laborais docentes, ainda mais se levarmos em conta a trajetória de professores-cursistas que se constitui num percurso duplamente exigente.

A experiência docente relatada neste artigo destacou, sobretudo, a linguagem cinematográfica cuja séria incumbência é a de ser formadora cultural e profissional, sendo excelente estratégia de *ensinagem*. O cinema é, em sim, uma arte polissêmica, além de atraente e ensinar entretenimento, auxiliando na comunicação docente-discente e na interação do grupo em torno de diversos assuntos. Também retrata e problematiza a realidade social e estimula a criatividade dos alunos; possibilita o desenvolvimento do raciocínio audiovisual e ensina a inovação no modo de ensinar e refletir sobre a realidade, sendo ele mesmo uma forma de conhecimento, dinâmico e interativo.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CALABRIA, Carla Paula Brondi, MARTINS, Raquel Valle. **Arte História e Produção**. Vol. 2. São Paulo: FTD, 2009.

CAMPOS, Rui Ribeiro. **Cinema, Geografia e Sala de Aula**. Estudos Geográficos, Rio Claro, 4(1): 1-22, Junho – 2006 (ISSN 1678-698X). Sofreu diversos acréscimos posteriores.

COLODA, Santos; VIAN, Itamar. **Cinema e TV no ensino**. Porto Alegre: Sulina, 1972.

DEWEY, John. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FILHO, Arnaldo Lemos. **O cinema em sala de aula**. Disponível em: <[www.sociologialemos.pro.br](http://www.sociologialemos.pro.br)>. Acesso em: 30 de maio de 2014.

FRESQUET, Adriana Mabel (Org.). **Imagens do desaprender: uma experiência de aprender com o cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2007. (Coleção Cinema e Educação).



GODAWA, Brian. **Cinema e fé cristã: vendo filmes com sabedoria e discernimento.** Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2004.

HOLLEBEN, Índia Mara Aparecida Dalavia de Souza. **Cinema & educação: diálogo possível.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/462-2.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2014.

RAFFA, Ivete. **Fazendo Arte com os Mestres.** Vol. 2. São Paulo: Editora Escolar, 2008.

REINA, Alessandro. **Filosofia e cinema: o uso do filme no processo de ensino-aprendizagem da filosofia.** Dissertação de Mestrado; Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/35789/R%20-%20D%20-%20ALESSANDRO%20REINA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 de maio de 2015.

Revista Nova Escola, edição especial. **Filmes para trabalhar em sala de aula.** Fundação Vitor Civita: Abril, São Paulo, 2011.

Revista Presença Pedagógica. **Central do Brasil e a educação,** v 5. Número 27. Belo Horizonte: Dimensão, 1999.

Revista Presença Pedagógica. **Educomunicação,** v. 18, número 106. Belo Horizonte: Dimensão, 2012.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam – leitura da arte na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

SILVA, Maria do Rosário Azevedo da; FREITAS, Alexandre Simão de. **O uso do cinema no espaço pedagógico: um olhar além das telas na construção do conhecimento.** Disponível em: <[www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2006.2](http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2006.2)>. Acesso em: 21 de maio de 2015,

TEIXEIRA, Inês A. de Castro e LIPES, José de Sousa Miguel. **A Escola vai ao Cinema.** Belo Horizonte: Autêntica.

TEIXEIRA, Inês A de Castro. O que nos retém aqui? O cinema interroga a docência. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente /** organização de Isabel Cristina Alves da Silva Frade... [et al.]. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 632p. – (Didática e prática de ensino)